



D. Terezinha em atividade do movimento na Universidade Estadual de Feira de Santana

Seu Jonas e Dona Terezinha contam como se organizava para estar presente nas reuniões das comunidades para fundar as associações. “A gente ia de noite por que de dia tava trabalhando. Fizemos reuniões em tudo que é lugar no município”, diz ele.

“A gente ia para as comunidades de bicicleta, Jonas e eu. Eu já tinha meu filho Pretinho (Jonaedson), levava ele no colo. Quando Ninho nasceu (Jonael) eu ainda levava os dois na bicicleta. A gente se reunia às escondidas, de noite, de baixo do pé de pau. A gente se reunia na casa da minha mãe”. Muitas reuniões aconteceram às escondidas, pois, no período, o Brasil vivenciava uma ditadura militar, que considerava todo tipo de reunião da sociedade civil como uma atividade suspeita. Dona Terezinha segue recordando com muita emoção das dificuldades da época e de algumas conquistas, como o fim da mortalidade infantil nas comunidades.

“Quando nasceu a minha filha a gente economizou muito para conseguir

comprar uma carroça e um burro para ir às reuniões e ver as coisas acontecerem. A gente ia para as comunidades mais carentes como Pau Favo, onde a mortalidade infantil era muito grande. A gente queria uma saúde adequada para acabar com a mortalidade. Hoje isso acabou. As vacinas mudaram isso”.

“Hoje não existe pobreza, pobreza era naquele tempo. Foi começando a aparecer as vacinas, as cisternas e as coisas foram melhorando”, diz Seu Jonas. “A associação foi fundada depois da Constituição de 1988. Albertino do MOC vinha renuir com a gente para ajudar na fundação das associações. A gente se reunia à parte. Em 1990, Jonas foi presidente. A gente começou a se reunir para saber o que o povo queria. Saiu muitas coisas, como por exemplo, a construção de uma Igreja Católica. Começamos a mobilização para isso em 1991”, lembra Terezinha.

De tantas lutas, algumas marcaram mais fortemente a memória desse casal. “A luta para organizar o povo para ter aposentadoria, ter dignidade. A luta pelos mutilados que trabalhavam no motor do sisal. Isso tudo me marcou muito”, disse Dona Terezinha. Ela segue recordando outras conquistas vindas do trabalho com o movimento social. “Aqui, na BARRIGUDA tinha a assessoria técnica da EMATERBA de Valente a partir desse momento também. Em Jibóia, a gente conseguiu o projeto da casa de farinha comunitária. As reuniões foram aqui em casa. Outra coisa que saiu também foi a energia elétrica, que aqui não tinha. Naquela época as casas de farinhas já eram elétricas, aí por causa disso veio a energia também”.

Sobre a rotina dentro da propriedade, ela se lembra de muito trabalho e de como eles dividiam as tarefas para conciliar com as reuniões. “Jonas levantava 4 horas da manhã, ia para roça destocar, fazer o pasto para a gente plantar de inverno e eu levantava 4h 30 para ir buscar água nos tanques. Aproveitava que os meninos tavam dormindo, dava duas ou três viagens



Turma do Curso de Formação do IRPAA de 1996.

Quando voltava cuidava do café para Jonas trabalhar a diária fora. Quando ele chegava em casa, umas 5 horas da tarde, ainda ia trabalhar na roça da gente até 7 horas da noite. Quando eu terminava de cuidar dos filhos levava para roça, colocava eles numa esteira e ia trabalhar na roça também plantando mandioca”. Seu Jonas recorda que eles também revezavam. “Quando um saía o outro ficava. A gente comprou a carroça para isso também, para ajudar a pegar água”.

A partir do ano de 1995, muita coisa começou a mudar na forma como o casal cuidava da propriedade. Isso aconteceu devido aos cursos de formação que Seu Jonas participou na APAEB de Valente e no IRPAA. “No ano de 1995, a equipe da APAEB em Valente criou um curso de agente, para as pessoas passarem os conhecimentos para as outras. A APAEB de Valente não dava conta de acompanhar todos os agricultores, aí criou um grupo de agentes com os agricultores, que ajudavam os técnicos nas visitas. A gente ia visitar os outros agricultores e passava as coisas, como mudar a propriedade. Já se falava em conviver com o Nordeste. A gente estudava o que os animais deveriam comer, as quantidades. Aqui tinha muita criação de gado, a gente desmatava, fazia pasto, trabalhava com diária. Dessa época em diante do curso do IRPAA a gente parou [de desmatar], plantamos 500 pés de algaroba para reflorestar, aprendemos a reaproveitar as coisas da propriedade, a palha do milho, o papuco do milho”. Foi o início da mudança para seu Jonas. “De 1996 para cá a gente começou a ver as mudanças, as criações do porco, da cabra, pegamos empréstimo. Os produtores foram convidados para o curso do IRPAA que também era de formação e todo curso que a gente ia tomando, a gente ia passando para os outros agricultores”.

“De 1996 para cá que começamos a criar a cabra. A gente aprendeu a fazer um filtro pra tratar a água. Através de um projeto com a FNE (Fundos Constitucionais de Financiamento do Nordeste) conseguimos a nossa primeira cisterna, em 1997. Depois dessa cisterna diminuí o tempo de buscar água. Eu já podia ajudar em outras coisas. A partir desse projeto também começamos a criar porco. Fizemos uma pocilga grande pros porcos, depois veio a criação de abelha no ano 1998 e a criação de codorna em 2001. Eu trabalhei um tempo na merenda escolar e quando sai, o dinheiro que recebi eu comprei 300 reais de codorna”, conta Dona Terezinha.



Criação de aves

A propriedade atualmente é bem dividida, com diversas atividades que foram agregadas ao longo dos anos. Cada um cuida de uma parte e todos sabem um pouco sobre tudo. Atualmente, o filho Jonaedson, conhecido como Pretinho, é quem organiza a criação de frangos.

“Os frangos a gente começou a criar em 2006. Na primeira vez peguei 50 pintos, vendi para um restaurante de Feira Santana. Vendi por aqui também, aí começou a engrenar. Fiz uma barraquinha de plástico e colocava os pintinhos, depois usei lona por que não protegia das trovoadas. Depois o Jairo, morador vizinho, chegou pra mim e perguntou se eu tinha coragem de ampliar, que já tinha um mercado e clientes. Eu topei, peguei mais pintos e fiz o galpão maior e a gente começou. Eu criava porco, vendi os porcos e colocamos mais frangos. Depois eu fiz o terceiro galpão. A gente se combina, quando um não tem o outro tem e o cliente não fica na falta, são os mesmos clientes”, explica Jonaedson.



A partir da criação do frango e da codorna, a família organizou uma estrutura para a produção de ração. “Foi depois do curso do IRPAA que a gente começou a fazer a silagem. A gente conseguiu uma máquina emprestada, usava o motor do sindicato. Depois compramos o motor do sindicato e em 2004 a gente comprou nossa máquina. Em 2014 compramos outra máquina, e estamos produzindo mais. A alimentação dos frangos a gente também equilibra com a palma.



Dona Teresinha, Seu Jonas, filhas e netas

Para os porcos a gente dá o fato [órgãos internos] do frango. Nada a gente joga fora.”, explica Seu Jonas. A silagem é feita com material da própria propriedade como sorgo, milho, licuri. O que eles não possuem é comprado de outros agricultores.

Duas tecnologias sociais têm contribuído para esse processo: uma é a barragem subterrânea construída em 2008 e a outra é cisterna-calçadão construída em 2012, que além de contribuir para o processo de irrigação, a calçada é o lugar onde todo o material utilizado na produção de ração fica exposto para secagem.

Eles falam com orgulho da nova aquisição da família, uma mandala, conquistada através de um projeto no ano de 2015. A mandala é um circuito que integra a criação de frangos e a produção de hortaliças. Outra novidade é o início do criatório de peixes em um dos tanques que podem ser visto na propriedade, que possui 40 tarefas e inclui uma área dedicada à preservação da caatinga, onde as abelhas são criadas. Além de todo esse trabalho, a família sempre está abrindo as portas da propriedade para receber outros agricultores e agricultoras para realizar intercâmbios.

“A dificuldade era grande, saímos muitas vezes daqui para a Lagoa Grande, distante 15 km depois de um dia de trabalho, à noite, de bicicleta, mas valeu a pena”, reflete Seu Jonas sobre a caminhada.



Área de preservação da caatinga e criação de abelhas

“Algumas mulheres hoje dizem que não podem participar do movimento ou da igreja por que têm casa e filho pra cuidar. Meus filhos nunca me atrapalharam, a gente ia porque a gente queria ver um mundo melhor, principalmente para as mulheres. Era tanta repressão que os políticos faziam com os mais simples. Hoje a gente tem essas melhorias porque a gente lutou” conclui Teresinha, que segue com o trabalho na comunidade, sindicato e Movimento de Mulheres.

"Entrei na luta, da luta eu não fujo" A história de uma família que faz a diferença na luta por um semiárido digno

Nessa edição de “O Candeeiro” a família do casal de agricultores familiares Teresinha e Jonas será contada por eles. Ambos nasceram em Retirolândia, na região do Sisal no semiárido baiano e moram na Fazenda Barriguda, na zona rural do município. Casados há 38 anos, construíram uma bela família formada por cinco filhos e netos. A trajetória dessa família é marcada pelo desejo de ver a mudança e a melhoria na qualidade de vida das pessoas.



Dona Teresinha e Seu Jonas durante cerimônia de casamento

“Casamos em 08 de setembro de 1978, a gente não tinha casa própria. Viemos morar aqui na fazenda Barriguda, nessa casa que era do irmão de Jonas. Ficamos aqui quatro anos. Dois anos depois fomos morar na casa do pai de Jonas. Em dezembro de 1978 nasceu o primeiro filho, Jonaedson e em 1980 nasceu o segundo filho, Jonael. No ano em que Jeane nasceu, em 1982, fomos morar na casa da minha avó, na Lajinha. Em 1983 nasceu Jucélia e Jailene em 1985. No final desse ano compramos nossa casa, que é essa aqui [fazenda Barriguda]. Jonas já participava das reuniões desde 1972. Quando me casei com ele foi quando comecei no movimento, assim que casamos já participamos os dois”, recorda Dona Teresinha.

“Eram reuniões para discutir a qualidade de vida, a política, criar associação. Antes da associação nasceu o sindicato. O povo organizado jamais será pisado”, esse era um dos lemas do movimento, que seu Jonas recorda com satisfação. Dona Teresinha também se recorda de como os municípios começaram a se articular enquanto região. “A gente já tinha um grupo que se reunia no município e no território: Valente, Retiro (Retirolândia) e Santaluz. Aqui no município tinha um grupo de 50 de pessoas. Quando a gente se reunia ia ver o que precisava para o município e vimos a necessidade de fazer a associação”.

“Nesse momento o poder público puxava a criação das associações para manipular o povo. A gente entrou para assumir em 1991. A gente reativou a associação comunitária de Lajinha”, recorda Seu Jonas. “Jonas entrou na presidência e eu ia como sócia com ele para ajudar organizar as mulheres e isso era uma estratégia da igreja por que as mulheres não podiam participar”, era o início da luta pela participação das mulheres em espaços importantes para as comunidades: a associação. “A gente começou associando as mulheres. Em 1994 começamos a lutar pela participação das mulheres no sindicato. Em 2003 criou e registrou o Movimento de Mulheres”.